

O controle do Greening não exige milagre, apenas persistência

A história recente da citricultura brasileira é pródiga em exemplos de oportunismo puro. Portanto todo cuidado é pouco para não ser enganado por promessas de milagres.

Não é de hoje que vemos uma infinidade de promessas feitas a produtores de todo parque citrícola que invariavelmente tem causado prejuízos muito elevados, causando até a falência de alguns. Lembro-me como se fosse algo vivido a poucos dias o ocorrido na década de 90 com o avanço do amarelinho pelos pomares da região Norte, Noroeste e Central do Estado de São Paulo, época em que uma grande leva de mudas infectadas pela doença foram plantadas, todas oriundas de viveiros que utilizaram borbulhas de plantas infectadas ou que acabaram por ser infectadas durante a produção das mudas. O prejuízo foi de tal monta que, para se ter uma idéia, é difícil hoje em dia encontrar pomares implantados entre 1990 e 1995 naquelas regiões. A maior parte destes plantios foi erradicada na melhor das hipóteses até o início deste século, após o ano 2.000, com uma idade média de 6 a 7 anos, época em que deveriam estar retornando o capital investido ao produtor.

Como todos ainda devem se lembrar ocorreu um grande impasse na definição do que estava causando o “Amarelinho” ou CVC, antes também batizado de “Mal de Macaúbal”. Duas pesquisas apontavam para lados diferentes, sendo uma definindo o problema como causado por uma deficiência ou conjunto de deficiências que acabavam por provocar o aparecimento dos sintomas na planta e outro que apontava para a existência de um patógeno envolvido. O impasse somente foi solucionado em Janeiro de 1993, quando a Dra Júlia Beretta recebeu a comunicação da Universidade da Flórida de que a bactéria *Xilella fastidiosa* havia sido reisolada de plantas inoculadas e sintomáticas, completando desta forma o Postulado de Koch (prova incontestável da relação entre um determinado sintoma e um patógeno causador). Paralelamente ocorreu um lapso de tempo entre os anos de 1987 (primeiros relatos dos sintomas da doença no Brasil) e 1993 onde os problemas causados pela doença se tornavam cada vez maiores e os prejuízos se avolumavam.

Sem saber o que fazer, os produtores se alternavam em tentar estabelecer por conta própria soluções práticas para o problema. Uns partindo do pressuposto de que o problema era de origem nutricional, partiram para aplicações de adubos foliares em grande quantidade, com a adição de Boro, Molibdênio e Zinco principalmente, aliados ou não a uma adubação orgânica pesada. Outros partiram para poda dos sintomas e aplicações sistemáticas de inseticidas para controle dos supostos vetores. Alguns copiavam ambos, fazendo podas, controle de insetos vetores e adubações diferenciadas, ou simplesmente optaram por esperar para “ver o que iria acontecer”.

Neste meio tempo surgiram diversas empresas e técnicos oferecendo aos produtores pacotes técnicos fabulosos, todos capazes de promover a remissão dos sintomas ora pelo estímulo ao “sistema imunológico da planta” (algo que não existe, mas era este o termo utilizado em muitos casos), ou ação direta sobre a bactéria. Foram oferecidos alguns produtos que promoviam a “desobstrução dos vasos lenhosos das plantas”, produtos caros, a serem aplicados em grandes quantidades que na época para mim ficou quase impossível não lembrar a propaganda do “Diabo Verde”, um desentupidor de pias.

Ficaram na moda alguns termos como a Trofobiose, definida como um conjunto de técnicas que iam desde a aplicação de produtos que estimulavam a produção de fitoalexinas (substâncias que aumentam a resistência ao ataque de patógenos e pragas) até de modificações na nutrição das plantas para que a bactéria “morresse de fome”. Tanto a doença quanto o ataque das pragas somente existem de acordo com esta teoria porque a planta está “desequilibrada” (seja lá o que for este desequilíbrio, talvez algum tipo de esquizofrenia, a teoria da planta louca). Tinham como objetivo impedir a circulação de “aminoácidos livres” pelos vasos lenhosos das plantas. Diz esta teoria que sem estes aminoácidos livres, todos os patógenos e pragas morreriam de fome, pois estes organismos não possuem a capacidade de digerir proteínas. Era até gostoso participar das palestras deste pessoal, pois eles simplesmente tinham resposta para tudo. Até hoje existem empresas oferecendo adubos que se dizem capazes de “melhorar a capacidade das plantas em conviver com a bactéria e voltar a ter uma produção economicamente viável” e até hoje nenhuma destas técnicas milagrosas teve sucesso. Basta ver o que dizem os principais pesquisadores do Centro de Citricultura, do IAC, Instituto Biológico e outros a este respeito.

O que acabou sendo consenso no controle do amarelinho é a formação de pomares com mudas sem a presença da bactéria e controle sistemático dos vetores. O resto é apenas o resto. Mesmo as tão recomendadas podas ficaram na história como “algo a mais” que pode ser feito neste caso. Alguns experimentos conduzidos na Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro contestaram a validade desta técnica no controle da doença ou na remissão dos sintomas.

Mas, porque toda esta discussão sobre o CVC agora? Simplesmente porque os mesmos erros cometidos no controle do CVC estão sendo cometidos agora com o controle do “Greening” ou HLB:

- 1 - Aplicação de produtos que dizem “promover a resistência da planta ao “Greening” ou HLB”;
- 2 - Técnicas de adubação e condução que “inibem o desenvolvimento da bactéria” na planta ou o ataque do inseto vetor;
- 3 - Aplicação de soluções que “eliminam” a bactéria das plantas ou “retardam” seu desenvolvimento;
- 4 - Poda dos ramos afetados pela doença.

Infelizmente a solução para o “Greening” ou HLB não parece nem passar perto de nenhuma das opções mencionadas acima. Pela severidade da doença, não parece possível cogitar a hipótese de conviver com qualquer nível de infestação no pomar, como acontece com o amarelinho em algumas regiões e em algumas variedades. E isto já é consenso, ao contrário do que aconteceu com amarelinho que acabou provocando um impasse entre os

pesquisadores ligados ao setor. Vejam só a opinião emitida pelos pesquisadores Dirceu Mattos Jr., José A. Quaggio e Rodrigo Marcelli Boaretto todos do Instituto Agronômico (IAC) sobre estes chamados “promotores” no texto anexo com título **“Uso de “promotores” no controle do Greening na citricultura.”**

Tenham em mente que aquele que optar pelo controle do “Greening” ou HLB através de: (1) Vistorias, (2) Eliminação das plantas sintomáticas e (3) Controle do inseto vetor, além é óbvio de (4) plantio mudas sadias de boa procedência, será com certeza o citricultor destinado a vencer a guerra contra esta doença sem sombra nenhuma de dúvidas. Lembrem-se de que esta doença não é nova e que os países que convivem com ela não tem produção significativa de laranjas, portanto é óbvio que foram fadados ao fracasso. Quais exemplos poderemos tirar da experiência destes países que optaram pela convivência? Até onde consigo ver somente uma: Não existe viabilidade na convivência com esta doença.